



Homens casados que resolvem “sair do armário”: Conflitos vivenciados por homossexuais das classes sociais baixa, média e alta

Married men resolving to "come out of the closet":
conflicts living by low, middle and high social classes of the social classes

Rosicléia Machado¹
Josiane Peres Gonçalves²

RESUMO: A descoberta da homossexualidade após longo período de relação heteronormativa é o tema do presente estudo que tem por finalidade analisar três casos de homens que se descobriram homossexuais após o casamento, evidenciando como as famílias de diferentes classes socioeconômicas encararam essa mesma realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Família. Preconceitos.

ABSTRACT: The discovery of homosexuality after a long period of heteronormative relationship is the theme of the present study, whose purpose is to analyze three cases of men who discovered homosexuals after marriage, showing how families from different socioeconomic classes faced the same reality.

KEYWORDS: Homosexuality. Family. Prejudices.

O presente estudo vincula-se à disciplina “Desenvolvimento, Gênero e Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação do Câmpus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAN/UFMS), mas que foi ofertada no Câmpus de Naviraí (CPNV), e cursada por vários discentes na modalidade de alunos especiais do curso. Além das aulas

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do sul (UFMS). Graduada em Serviço social, pela UNOPAR/PR. Especialista em Cultura e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). cursou, na modalidade de aluna especial, as disciplinas “Desenvolvimento Humano, Gênero e Educação” pela UFMS/CPAN e “Violência, Justiça e Direitos Humanos no Brasil” pela UFGD/CPGD. Trabalha como Assistente Social do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, de Juti/MS. E-mail: cleiamachado.mika@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFMS/FAED). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). E-mail: josianeperes7@hotmail.com.

teóricas, e inúmeros debates sobre adulez e relações de gênero, os participantes deviam realizar uma pesquisa com pessoas adultas, sendo então feita a opção por investigar situações vivenciadas por famílias de diferentes classes socioeconômicas em relação à descoberta da homossexualidade de homens adultos.

Foi realizada uma pesquisa, de natureza qualitativa, caracterizada por estudo de três casos de homens que assumiram a homossexualidade após um longo período de casamento com uma mulher, todos já com filhos. A situação vivenciada pelas famílias de classes sociais baixa, média e alta, são apresentadas logo após a pesquisa bibliográfica.

Identidade de gênero, sexual e homofobia: influências de fatores culturais

Na sociedade industrializada da atualidade, a homossexualidade é um tema que gera muitas críticas, opiniões e preconceitos por parte das pessoas. Há quem afirme que ela é uma prática imoral, contrária à natureza divina. Por outro lado, muitos acreditam que a atração pelo mesmo sexo seja uma variação natural da sexualidade humana, sendo geneticamente uma mudança na formação dos órgãos que não correspondem com a formação física do corpo. Independentemente do nível de desenvolvimento social do país em que esse tema é debatido, não há um consenso sobre os motivos que influenciam na orientação sexual das pessoas.

Para Soares (2008), alguns estudos da área de psiquiatria americanos sugeriram que a homossexualidade se tratava de uma característica herdada por algumas pessoas a partir do código genético de seus ancestrais. Outros pesquisadores indicaram que há evidências científicas de que a homossexualidade é causada por doses hormonais desajustadas que o cérebro do bebê recebe enquanto ainda está no útero materno. A explicação mais aceita é de que a origem da atração pelo mesmo sexo é causada por uma combinação de fatores genéticos, hormonais, psicológicos e sociais.

Apesar de não haver consenso sobre a origem da homossexualidade, é importante destacar que as relações de gênero são construídas socialmente, variando de acordo com cada cultura.

As relações de gênero são resultado de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e segue ao longo de toda a vida. Na nossa sociedade, esse processo vem reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno da sexualidade, da reprodução, da divisão sexual do trabalho e do âmbito público/cidadania (FARIA; GONÇALVES, 2016, p. 02).

Com o advento das tecnologias e a possibilidade de conhecer o sexo do bebê antes mesmo do nascimento, as famílias normalmente se organizam de forma diferente, caso a criança seja do sexo feminino ou masculino:

Os pais criam inúmeras expectativas sobre a educação das crianças que ainda estão no ventre; ao fazer enxoval para o bebê, por exemplo, são encontradas somente roupas que se dizem “próprias” para o sexo, rosa ou azul, quando em outras cores, há um desenho de imagem para o sexo específico. Agindo assim, mães em geral, durante a gestação se preocupam mais em saber o sexo do bebê do que em saber se seu bebê está bem e saudável (GONÇALVES, SIMÕES; 2015, p. 33-34).

Enquanto se desenvolve, as pessoas tendem a cobrar determinados tipos de comportamentos infantis e impor algumas condições que nem sempre condizem com a realidade. É o caso, por exemplo, dos brinquedos, que são muito demarcados de acordo com o sexo da criança, mas que não mais representam o contexto social vigente.

A sociedade, muitas vezes, mostra-se preconceituosa, ao ir a uma festa de aniversário de menino, geralmente levam-se brinquedos considerados adequados para os meninos, o mesmo para as meninas. Atualmente deve-se mudar essa cultura, que já vem ao longo da história, a fim de mudar o processo de aprendizagem das crianças. Elas podem e devem brincar com os brinquedos de sua própria preferência, como, por exemplo, um menino brincar de casinha, ou uma menina brincar de carrinho, até porque na sociedade atual os homens ajudam a cuidar da casa e dos filhos e a mulher também dirige carros e trabalha fora (GONÇALVES, SIMÕES; 2015, p. 37).

A construção de identidade de gênero é formada a partir das interações familiares e sociais, desde a infância, onde o ambiente exerce muitas influências no comportamento individual das pessoas. Os aspectos familiares e sociais que influenciam no desenvolvimento da personalidade e

da sexualidade, têm sido analisados por diversos pesquisadores. Gonçalves e Simões (2015) baseiam-se nos estudos de Brenes (2001) para afirmar que:

A sociedade e a cultura proporcionam um modelo feminino e um masculino, em que o papel feminino é reforçado pela família, mediante relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade, enquanto que o papel masculino é relacionado ao trabalho braçal. As mulheres são vistas como meigas, românticas, vaidosas, sensíveis e dedicadas. Os homens são vistos como mais agressivos e racionais [...]. Como ponto importante, está a vivência entre homens e mulheres, a possibilidade de aprender um com o outro e assim construir uma relação de respeito (GONÇALVES, SIMÕES; 2015, p. 36).

Apesar de as famílias e a sociedade terem a tendência de reproduzir os padrões vigentes, de ensinar as meninas a serem meigas e sensíveis e o meninos agressivos e racionais, nem todas as crianças se identificam com tais padrões, podendo desenvolver outras formas de identidade. Dessa foram, Anjos (2000, p. 275) ressalta:

Entender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social, permite compreender não somente a posição das mulheres, em particular, como subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder. A sexualidade, longe de ser um “domínio da natureza” é considerada aqui como um “fato social” enquanto condutas, como fundadora da identidade e como domínio a ser explorado cientificamente.

É importante destacar que, conforme Soares (2008), a homossexualidade refere-se à orientação sexual cuja atração, tanto afetiva, quanto erótica, dirige-se a uma pessoa do seu próprio sexo e que a orientação não se restringe ao ato sexual, mas envolve o sexo, o erotismo, o romance e a afetividade, podendo ser homossexual sem praticar sexo.

Embora tendo existido desde o início das sociedades, historicamente as situações relacionadas à homossexualidade não foram muito comentadas, a ponto de a população entender que a única forma aceitável de relacionamento afetivo e sexual é com alguém do sexo oposto.

A oposição ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a “natureza”. Neste sentido, a homossexualidade subverteria a norma, a partir da ocupação, no caso da homossexualidade masculina, de uma posição inferior [...] A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e

estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (ANJOS, 2000, p. 276).

As pessoas por medo de serem estigmatizadas, devido à sua orientação sexual, vivem em um estado de tensão constante, sendo atormentadas pelo medo de serem descoberta a qualquer momento. Além disso, é comum o indivíduo se sentir fraco, covarde e desleal para com seus familiares. Conforme Ceará e Dalgarrondo (2010, p. 121), “O processo de revelação da orientação homossexual, denominado popularmente como ‘sair do armário’, é considerado um ‘*turning point*’ da vida de gays e de lésbicas e um ponto importante no desenvolvimento da identidade homossexual”.

Quando um indivíduo começa a ter desejos por alguém do mesmo sexo, surgem vários medos e neuroses, sendo que o principal desafio consiste na autoaceitação, segundo Viana (2006). Reconhecer que gosta de alguém do mesmo sexo, de forma afetiva e sexual, que se trata de algo saudável e que não há nada de errado, é um grande desafio que nem todos conseguem superar. Muitos evitam encarar a realidade ou se tornam homofóbicos, para tentar destruir na outra pessoa o que mais incomoda em si mesmo, geralmente sem ter consciência do que está acontecendo.

Ao refletir sobre a homofobia, Junqueira (2007, p. 4) destaca que:

[...] o termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Uma pesquisa da Unesco revelou que aproximadamente a metade dos jovens entre 16 e 19 anos não gostaria de ter um amigo ou vizinho homossexual, conforme Soares (2008). Para essa parcela da população brasileira, a atração pelo mesmo sexo é vista como “doença” ou “falta de vergonha”. Dessa forma, o autor alerta que, ainda que os jovens brasileiros

estejam enganados quanto à origem da homossexualidade, é evidente que suas opiniões a respeito desse tema explicam o motivo pelo qual eles atribuem aos homossexuais um estigma negativo.

De acordo com Figueiró (2007), o sentimento de rejeição e a revolta em relação aos casais homoafetivos é a principal causa de suicídio entre adolescentes e adultos homossexuais. A autora também menciona que durante o processo de reconhecimento e autoaceitação da própria orientação sexual, é comum as pessoas passarem por fases distintas: a) primeiramente ocorre a fase em que o indivíduo busca a própria aceitação, apesar de haver um grande conflito interno e normalmente demora um tempo até ele mesmo assimilar a nova condição; b) num segundo momento o indivíduo busca a aceitação da família, mas nem sempre recebe apoio, muitas vezes resulta em preconceito e discriminação; c) a terceira fase consiste na busca da aceitação social, sendo que muitas vezes a rejeição por parte da sociedade resulta em grande sofrimento para as pessoas que se descobrem homossexuais.

Diante do exposto, sobre a homossexualidade e relações de gênero, destaca-se que o objetivo do presente estudo é analisar três casos de homens que se descobriram homossexuais após o casamento, evidenciando como famílias de classes baixas, média e alta, encararam a mesma realidade.

Metodologia

Para a realização do presente estudo foi feita a opção pela pesquisa de natureza qualitativa, mais especificamente um estudo de caso, envolvendo três famílias que vivenciaram situações semelhantes, relativas à descoberta da homossexualidade do homem. Para Godoy (1995, p. 25), “O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”. Em determinadas situações, é possível investigar um grupo de sujeitos, podendo o pesquisador “[...] optar pelo estudo de situações típicas (similares a muitas outras do mesmo tipo) ou não usuais (casos excepcionais)”.

A opção por situações semelhantes a outras do mesmo tipo, foi feita para a realização da coleta de dados com as três famílias investigadas, por considerar as seguintes orientações de Godoy (1995, p. 25):

Adotando um enfoque exploratório e descritivo, o pesquisador que pretende desenvolver um estudo de caso deverá estar aberto às suas descobertas. Mesmo que inicie o trabalho a partir de algum esquema teórico, deverá se manter alerta aos novos elementos ou dimensões que poderão surgir no decorrer do trabalho. O pesquisador deve também preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa.

A coleta de dados foi realizada nas casas das famílias pesquisadas, de acordo com o horário disponibilizado por cada um dos entrevistados, sendo utilizado como instrumentos observações, conversas e entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio. Cada família residia em um município diferente do interior do Estado de Mato Grosso do Sul, com população que variava entre 6.000 a 50.000 habitantes, sendo que uma era de classe baixa, outra de classe média e outra de classe alta.

Em cada família foi feita entrevista com o homem que se descobriu homossexual, a ex-cônjuge e um dos filhos. Somente na família de classe alta não foi possível entrevistar os filhos, porque um morava em outro Estado e o adolescente que residia em casa, não gostava de conversar sobre o problema vivenciado pela família, evidenciando que ainda não havia superado essa nova realidade.

Os homens homossexuais, principais sujeitos da pesquisa, tinham idade que variava entre 30 a 55 anos de idade e tinham em comum o fato de terem ficado muito tempo casados com uma mulher, somente anos depois é que se descobriram homossexuais e resolveram contar a verdade.

Visando manter a privacidade dos entrevistados, os nomes dos sujeitos são fictícios, sendo que cada um dos casos investigados são nesse estudo identificados por:

- Caso 1: João, 39 anos, trabalhava como servente de pedreiro ou serviços gerais, pertencente à classe baixa.

- Caso 2: José, 44 anos, trabalhava como supervisor geral de uma empresa privada e pertencia à classe média.

- Caso 3: Pedro, 50 anos, empresário, lavoureiro e criador de gado, pertencia à classe alta.

A realização da coleta de dados foi possível após alguns contatos prévios e esclarecimentos sobre a relevância da investigação. Também foi acordado que se manteria o sigilo, evitando à exposição dos participantes da pesquisa. Inicialmente as conversas eram sobre outros assuntos para evitar constrangimentos, e quando os participantes demonstravam estar mais a vontade ou se começavam a falar sobre a temática da pesquisa, é que as gravações em áudio eram iniciadas, com a autorização de todos os entrevistados.

Os dados obtidos mediante a realização das entrevistas foram transcritos e as gravações foram destruídas para evitar qualquer forma de exposição que pudesse prejudicar as famílias pesquisadas. Os principais relatos dos participantes são apresentados na sequência, sendo iniciado pela explanação dos três casos, para em seguida serem analisados os resultados com base em estudos teóricos.

CASO 1: João – servente de pedreiro ou serviços gerais (classe baixa)

João tinha 39 anos e atuava na área de serviços gerais como servente de pedreiro. Fez parte de uma família muito pobre, economicamente falando, passou por muitas dificuldades, juntamente com seus irmãos. Os pais moravam e trabalhavam na roça, porém sem estudo e qualificação profissional.

João relata que em sua adolescência nunca ouviu falar a palavra homossexualidade, tão pouco visto um gay. “Naquele tempo, na roça, as coisas eram diferentes”. Ele revela que tinha muita curiosidade em ver os órgãos genitais dos “bichos machos”, mas achava que se tratava de curiosidades de menino e assim o tempo foi passando.

[...] Eu não tinha muito interesse por moças, as pessoas achavam que eu era exigente, os peões da fazenda pegavam no meu pé. No final de mês me levavam para a zona e eu sem gostar muito ficava

com alguma mulher, pois não queria sofrer com piadas. Até que um dia conheci uma linda moça, que foi minha esposa, pensei que casando com ela tudo seria diferente.

E a família foi crescendo, João já tinha 4 filhos, mas seus desejos foram aumentando. Logo foram morar na cidade, onde sem trabalho e pouco estudo, a família passou por muitas dificuldades. Segundo João, logo ele foi conhecendo a malandragem da cidade e assim recebeu a primeira proposta sexual de outro homem. Ele receberia pelo serviço. João então pensou nas necessidades dos filhos e encarou, mas o que ele não esperava é que iria gostar muito da prática sexual com outro homem.

Outras “oportunidades” surgiram e, dessa forma, João não conseguiu mais disfarçar seus desejos, resultando no fim do casamento. “Sofri novamente, por causa de meus filhos e da minha família”. Ele relata que a sua ex-companheira sofreu da mesma maneira, mas superou a situação depois de algum tempo. Na atualidade ele é homossexual assumido e mantém bom relacionamento com a família.

Relatos de Ana, 35 anos, diarista, ex-cônjuge de João

Ao relembrar sobre a experiência vivida, de como foi viver com João na condição de esposa, e diante das muitas dificuldades financeiras vividas, Ana explica:

[...] Foi um casamento muito bom, ele é um ótimo pai. Fiquei um pouco chateada no começo, pois é estranho seu marido gostar de outro homem. Sofri com meus filhos, mas eu já vinha achando ele diferente, algumas vezes ele saía de casa e voltava com dinheiro, mas também eu não ligava de onde vinha [o dinheiro], pois meus filhos tinham fome (ANA).

Ao perceber que o marido se descobriu homossexual, Ana reconhece que foi muito difícil, que demorou a aceitar, mas que com o tempo as coisas se ajustaram e, devido às condições financeiras desfavoráveis, a família chegou a morar na mesma casa, mas cada um já tinha novos relacionamentos afetivos.

Com o tempo moramos todos juntos, ele e seu companheiro, eu e meus filhos. Nós ainda passávamos por dificuldades e foi a saída para não morreremos de fome. Ficamos todos amontoados, meus

filhos são pequenos e não entendem muito, também casei e meu marido veio morar na época com a gente (ANA).

Durante o processo de coleta de dados, Ana relatou com muita naturalidade a situação vivenciada, sendo percebido que a família não se importa com questões relacionadas às opiniões das pessoas. A família aparentemente se respeita, de acordo com seus costumes e tradições.

Foi possível também conversar com o filho mais velho de João e Ana, que tinha 10 anos de idade. Com ele foi realizada uma conversa informal e descontraída, para evitar constrangimentos. Quando perguntado sobre quem era seu pai, o menino respondeu que ele tem 3 pais e gosta de todos, e que também não se aborrece com as brincadeiras dos colegas de escola. Foi observado que o filho de João e Ana ainda possui a inocência de criança e não se importa com a situação vivenciada, com a configuração de sua nova família. Logo após a conversa o menino saiu correndo para brincar.

CASO 2: José – supervisor geral de uma empresa privada (classe média)

O entrevistado tinha 44 anos, uma filha de 14 anos e atuava profissionalmente como supervisor geral de uma empresa privada. Ele relatou que percebeu algo diferente, em si mesmo, entre seus 9 a 10 anos de idade, quando gostava muito de vestir as roupas da mãe e preferia cores leves como rosa claro, roxo, etc.

[...] Com 11 anos eu gostava muito de um colega que era meu vizinho, cheguei a sentir ciúmes dele com outros amiguinhos de escola. Eu queria que ele ficasse só perto de mim, as vezes sentia raiva de ver brincar com os outros, achava estranho aquele meu sentimento, mas não sabia o que acontecia comigo. Mas, como os pais não dialogavam com os filhos sobre a orientação sexual há 30 anos atrás, achei que passaria esse sentimento estranho quando crescesse (JOSÉ).

Mesmo sem entender o que acontecia, com o passar do tempo os sentimentos se tornaram confusos. José relata que durante a adolescência parecia que “as coisas estavam mudando”. Ele arrumou uma namorada na escola e chegou a gostar muito dela, mas ainda tinha adoração por roupas femininas, chegando a colocar uma blusa da namorada escondido.

[...] Aos 19 anos, acho que minha mãe estava percebendo alguma coisa, ela queria que eu casasse logo, mas também não falava comigo sobre o assunto. Pensei várias vezes em chegar na minha família e puxar o assunto, mas eles não davam brechas. Fui me correndo por dentro e decidi casar logo, pois mais uma vez achei que iria passar esse sentimento (JOSÉ).

Por incentivo da família e para tentar fugir dos próprios sentimentos, José se casou e teve uma filha. Ele relata que sempre tentou ser um bom pai. Dessa forma, para a sociedade, aparentemente estava tudo resolvido, constituiu uma família segundo os padrões convencionais aceitáveis. Porém, ele percebia que continuava sentindo desejos por pessoas do mesmo sexo. Em determinada situação foi flagrado por sua esposa ao olhar para o vizinho com cara de desejo.

Assim, depois de 20 anos de casado, José não conseguiu levar o casamento adiante, visto que seus desejos por outros homens aumentaram a ponto de não mais conseguir disfarçar. Resolveram se separar, causando grandes transtornos para a família.

No ambiente de trabalho, no entanto, José não demonstra sua orientação sexual, afirma que “mantém a postura masculina”, pois nunca ouviu nenhum comentário na empresa. Acredita que a imagem de um supervisor sério e competente seja exemplo para os demais colegas de trabalho. Supõe que se as pessoas souberem de sua vida pessoal, poderá prejudicar a sua profissão, por esse motivo, mantém a postura de sempre e não revela a verdadeira causa de sua separação.

Relatos de Maria, 39 anos, professora do Ensino Médio, ex-cônjuge de José

Os relatos de Maria sobre a experiência vivenciada é marcante, evidenciando que para os pessoas homossexuais que tentam fugir da situação por meio de um casamento heterossexual, acabam na verdade por envolver outra pessoa em uma situação mal resolvida, resultando em problemas ainda maiores.

[...] É revoltante falar sobre isso, tenho tanto nojo, que sofro até hoje. Me acho muito burra, pois só agora entendo porque ele gostava de escolher meus sapatos e blusas, a opinião final era sempre dele, tudo tinha que combinar. Já nem saía para comprar

roupas, porque quando menos esperava ele me presenteava. Mas eu ficava toda derretida de amores, pois pensava que ele era amoroso e queria apenas cuidar de mim. Na verdade ele estava se realizando, fazendo comigo aquilo que ele não podia fazer com ele (MARIA).

Para a ex-esposa de José foi muito difícil superar a situação, principalmente por idealizar a “família perfeita” e depois ver o casamento se desfazendo. Nesse sentido, Maria relata que sofreu muito depois da revelação, pois se José não tivesse se assumido homossexual, ela ainda estaria com ele. Ela acredita que seu amor era tão grande que “continuará cega”. Atualmente ela sofre juntamente com a filha, faz tratamentos psicológicos, se afastou da escola, sem prazo para voltar, diz que não tem coragem de encarar os alunos, amigos e familiares.

Maria afirma ainda que depois do acontecido, passou a refletir sobre as situações que evidenciavam a orientação sexual do ex e que sua filha adolescente tenta amenizar o problema vivenciado, dando forças para a mãe superar essa fase difícil da vida. Maria, mesmo sabendo de toda a situação, ainda pensa que é só uma fase com o ex, que a situação vai passar e sua família vai voltar a ser a mesma de antes.

A única filha de José e Maria tinha 14 anos de idade e estudava o 9º ano ensino fundamental. Ela relata que nunca percebeu nada de diferente nas ações do pai, pois ele sempre foi atencioso e brincalhão. Conta que soube da escolha paterna, porque presenciou uma briga dos pais, já em momento de separação.

[...] Foi um choque para mim, meu pai veio conversar comigo e explicar o acontecido, mas eu só chorava, tentando entender tudo aquilo. Naquele momento pensei no preconceito e na vergonha que iria passar na escola e não foi diferente. Quando veio a público para algumas pessoas, sofri muito preconceito de meus colegas de classe, isso fez com que eu ganhasse forças para lidar com a situação. Eu já estava me tornando agressiva com as pessoas para me defender. Busquei estudar sobre o assunto para suportar tanto sofrimento. Minha mãe está totalmente dependente de mim, eu sei que ele não vai deixar de ser meu pai, pois continua igualzinho, mas ainda não suporto a ideia de vê-lo com outro homem. Quero manter a imagem de meu pai amoroso e brincalhão, as vezes choro sozinha no quarto, mas aprendi que tenho que ser forte para ajudar minha mãe (FILHA DE JOSÉ).

Fica claro nos relatos de Maria e sua filha que ambas ainda não conseguiram elaborar o luto, caracterizado pela experiência familiar vivida anteriormente. A mãe ainda espera que tudo seja superado e que volte a ser como antes, a filha prefere manter a imagem anterior que tinha do pai e reconhece que tem dificuldade de vê-lo com outro homem.

CASO 3: Pedro – empresário, lavoureiro e criador de gado (classe alta)

Pedro tinha 50 anos de idade, empresário, lavoureiro e criador de gado, tinha dois filhos. Ele comenta que sua situação financeira sempre foi favorável, pois teve tudo que desejava. Durante a infância foi muito mimado pela mãe e sempre visto pela família como uma criança delicada. Aos 12 anos, já tinha acesso a revistas de natureza pornográfica e seu interesse era sempre pelo corpo masculino, mas acreditava que era apenas desejo de se tornar forte a exemplo dos modelos da revista.

Pedro acredita que a mãe no fundo sabia que ele era diferente, pois o colocava em vários cursos ao mesmo tempo, dizendo que era para “ocupar a cabeça”. Assim, de manhã ia para a escola, à tarde fazia aulas de futebol e luta sempre atividades que eram voltadas “para homens machos”, dizia sua mãe.

[...] Fui crescendo e ficando rapaz, tive acesso a muitas bebidas e principalmente drogas. Lembro que em uma certa noite, aos 16 anos, entre muita bebedeira e drogas, sofri violência sexual de um homem de 28 anos aproximadamente, muito forte, não lembro de detalhes porque estava inconsciente. Foi apenas uma vez, mas o suficiente para despertar e acender uma chama de confusões em minha cabeça (PEDRO).

Apesar dessa percepção em relação à sua sexualidade, Pedro também encontrou no casamento heterossexual uma forma de fugir da realidade e atender às pressões familiares, que evitavam ter que encarar a realidade.

[...] Para fugir desses desejos e preconceitos da família, amigos e da sociedade, sendo uma família muito conhecida na cidade, me casei sobre pressão, com uma moça da mesma classe social que a minha. O pai dela tinha um grande patrimônio e assim ‘cresceu meu olho’ para o dinheiro. Tive dois filhos. Algumas vezes quando eu ia visitar minhas propriedades fora de meu município, sempre depois

de muitas bebedeiras com amigos, minha noite acabava em uma boate Gay. Isso foi virando rotina, que quase nem parava mais em casa, sempre com desculpas que precisa ver minhas terras. Mas aos 48 anos, tudo foi descoberto e tudo veio a tona (PEDRO).

Diante desse novo contexto, de descoberta da orientação sexual de Pedro, a família, para não se tornar motivo de escândalo na cidade, devido a ser muito conhecida, decidiu manter as aparências, pois seria problemático também para os negócios.

Relatos de Rosa, 41 anos, dona de casa, ex-cônjuge de Pedro

De acordo com os relatos de Rosa, no início do namoro pensava que Pedro era mesmo o queridinho e filho mimado dos pais. Depois chegou a estranhar algumas atitudes do marido, após o casamento. Em suas relações sexuais, o marido só sentia prazer “se a posição fosse por trás e sempre do mesmo jeito”. Segundo Rosa, o ex-cônjuge gostava de presenteá-la com belos vestidos e sapatos. Quando ela ia se arrumar para alguma festa, ele a olhava cuidando dos detalhes e dando sugestões.

[...] Um certo dia resolvi fazer uma surpresa para ele, aproveitando que estávamos sozinhos em casa, comprei uma *lingerie* sensual e preparei uns “brinquedinhos” para a noite ficar mais quente. Resolvi correr e comprar umas frutas para incrementar a noite, pois já estava anoitecendo. Quando voltei para casa, percebi que ele já tinha chegado e estava no banho. Entrei sem fazer barulho, arrumei o quarto e me vesti com minha peça íntima e fui na direção do banheiro. Mas para minha surpresa, o encontrei com um vibrador no banheiro em uma cena chocante. Meu mundo desabou, fiquei sem chão! Sai gritando, xingando e chorando muito (ROSA).

Mesmo tendo se passado dois anos, após a descoberta da homossexualidade de Pedro, Rosa ainda não superou a situação e sofre a cada dia. Ela relata que pensou como seria depois que todos soubessem, pensou na família e principalmente nos amigos. Então, inicialmente o casal decidiu que o melhor seria a separação, mas passando alguns meses, pensaram na “reputação da família” perante a sociedade e nos negócios. Assim, decidiram que permaneceriam juntos, porém cada um com sua vida sexual separada. Foi observado durante o contato com a família, que houve a preocupação com a partilha dos bens materiais e financeiros.

Embora estando em casa no dia da coleta de dados, um dos filhos de Pedro e Rosa, de 18 anos, não quis gravar entrevista. A mãe relata que o jovem está agressivo com ela e, depois que soube da revelação do pai, houve mudanças no comportamento: “Ele está bebendo muito, chega sempre de madrugada em casa e não está frequentando a faculdade regularmente”. O filho de Pedro não gosta de falar sobre o assunto e quando fica bravo com alguma situação, grita e desrespeita o pai. O filho mais velho do casal não foi entrevistado, porque mora em outro Estado.

Análise dos Três Casos

Visto que os membros entrevistados sofreram com o reconhecimento da sua orientação sexual, como se não bastasse o sofrimento enfrentado por todos, ainda sofrem com a homofobia, que dado pelas desigualdades sociais de classe, permanecem em geral no anonimato. Para o entrevistado da classe baixa, os primeiros meses, depois da revelação, foram deslumbrantes para a vida sexual, entende que as pessoas, mesmo tendo algum tipo de preconceito, o aceitaram como pessoa normal e se tornou mais fácil manter contato com outros homossexuais. A relação com a família é boa, sabe que ainda tem muitos que não aceitam, mas não se importa, pois sofreu muito com a indecisão.

Já os entrevistados da classe média e alta, mencionam que os primeiros meses não foram tão bons e que sofreram e ainda sofrem com a negação das ex-cônjuges e dos filhos. Sabem que algumas pessoas que eram do convívio social familiar os criticam e essas atitudes de negação ainda os perseguem, pois a reputação social está prevalecendo na vida das duas classes.

Toitio (2015) afirma que é evidente que as pessoas ligadas ao movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) de todas as classes estão vulneráveis a constrangimentos morais e físicos e a assassinatos. Contudo, em um país onde a desigualdade social e econômica fundamenta sua estrutura política e social, avançar nas investigações sobre a violência homofóbica significa, entre outros elementos, aprofundar a forma

como a opressão se dá nas diferentes classes. Tal fato indica que a desigualdade não é apenas política e cultural, mas pode ser também econômica. Além do mais, basta olhar para as pessoas LGBTs das classes populares e perceber que são as mais vulneráveis, sofrendo diversas formas de preconceito e opressão. Uma pessoa LGBT de classe alta tem, em geral, maior possibilidade de encontrar espaços de sociabilidade onde possam exercer sua sexualidade sem grande repressão, já que os recursos financeiros lhe dão acesso à segurança e ao silêncio de pessoas preconceituosas.

Quanto aos três casos de homossexuais investigados, o que se percebe é que todos sofreram preconceitos, mas o de classe baixa assumiu rapidamente sua nova condição, sem muito se importar com o posicionamento da sociedade. Já os das classes média e alta tiveram maior preocupação e procuraram amenizar o preconceito, inclusive no ambiente de trabalho, conforme mencionado por José.

Chama a atenção o fato de as ex-cônjuges se sentirem culpadas por saber que a homossexualidade antecedeu ao casamento e que não conseguiram mudar essa realidade, fazendo com que os maridos se interessassem por relações heterossexuais. Na verdade, essas mulheres foram vítimas de um contexto cultural e acabaram se casando e constituindo famílias, sem saber da verdadeira orientação sexual dos seus companheiros. Em geral, as evidências da homossexualidade se manifesta na infância, mas somente na adolescência ou idade adulta ocorre a confirmação identidade sexual.

[...] é a sociedade que produz uma cultura na identificação de gêneros, sendo que as crianças são punidas quando apresentam os comportamentos considerados socialmente inadequados. Na maioria das vezes, as crianças são obrigadas a obedecer às normas impostas pela cultura, comprometendo o processo de formação (GONÇALVES; SIMÕES, 2015, p. 34-35).

Se enquanto criança os homossexuais entrevistados não tiveram possibilidade de entender as dúvidas vivenciadas, para evitar algum tipo de punição ou fugir da realidade, optaram pelo casamento por se entender que o problema seria resolvido. Todos se casaram na esperança de que a atração

pelo mesmo sexo desapareceria, o que não aconteceu e tal fato provocou tensões no casamento. Nota-se que, embora tenham lutado durante anos contra os próprios sentimentos, chegou um momento em que não foi possível continuar mantendo aquele estilo de vida que, embora atendendo aos padrões sociais, não os satisfaziam.

Após algumas experiências os três participantes da pesquisa se convenceram de que encontraram a resposta para o conflito interior e concluíram que sempre foram homossexuais, simplesmente não sabiam. Eles aceitaram uma solução falsa para uma situação real e com o tempo acabaram tendo problemas no casamento.

Dois dos entrevistados (classe média e alta) relataram que se casaram em busca por uma “vida normal”, devido ao desejo de aprovação, aceitação familiar e social, inclusive da igreja, pressão da família, dos amigos e desejo de ter filhos. Já o João (classe baixa), relatou que se casou porque não entendia a situação vivenciada e amava a companheira. Os entrevistados revelam que independentemente das razões, os problemas resultantes no casamento não são culpa das cônjuges, reconhecem que as ex-esposas e também os filhos são vítimas da situação que se desdobra.

Após o divórcio, foi observado que apenas o participantes de classe baixa, mantém bom relacionamento com a ex-companheira. João, por motivos financeiros, já chegou a morar com o atual companheiro na casa da ex-cônjuge. Evidencia-se que para a família de classe baixa entrevistada, a relação de afeto foi superada na aceitação da nova organização familiar e os estereótipos predominantes na sociedade não atrapalharam as relações sociais estabelecidas.

A família de classe média teve grandes problemas com a questão do divórcio, a ex-cônjuge proibiu de momento a visita do pai, pois acreditava que a influência paterna poderia prejudicar a filha. A mãe pensou na vergonha que iria enfrentar e ainda não superou a situação vivenciada.

A família de classe alta tenta manter um bom relacionamento com os filhos, porém ainda sustenta uma relação de aparências perante a sociedade, por se importar demasiadamente com a opinião alheia e devido

também aos fatores financeiros. Os motivos citados para a preservação da família referem-se a questões de moral e econômica. Para essa família, quando se monopoliza aquisições, torna-se possível preservar a moral e outros bens materiais conquistados pela família. Em âmbito familiar, o casal procura manter um bom relacionamento em consideração ao filho de 18 anos, porém o casamento já não existe mais.

Para a cônjuge da classe alta, a construção da identidade homossexual, assumida pelo ex-marido é repulsiva, sendo vista como impossível de ser incorporada na vida social. Esse estereótipo criado pela cônjuge e provavelmente pelos que os cercam, dá suporte para a representação preconceituosa dentro das relações sociais familiares.

Como observado, entre as três classes social, a cônjuge da classe baixa bem como seus filhos aceitaram a escolha da orientação sexual do companheiro com maior naturalidade, sem se importar com as questões de estereótipos e julgamentos da sociedade. Muito embora na classe média, cônjuge e filha, sofram com a orientação sexual do ex-companheiro, elas também se preocupam com o enfrentamento dos preconceitos e ainda lutam pela aceitação da nova realidade. Já a família de classe alta enfrenta problemas com o comportamento agressivo do filho, mas prefere manter as aparências perante a sociedade.

Para Pollak (1990), as diferenças socioeconômicas interferem na maneira pela qual cada classe social lida com questões relacionadas à homossexualidade. A autodenominação de “bicha” é mais comum em classes populares, que associam a homossexualidade com a feminilidade. Entre as classes mais elevadas, também existe a associação com a feminilidade, mas procuram ser discretos, evitando as diversas formas de exposição social. Já os homossexuais de classe média são os que buscam romper com a ideia de homossexualidade masculina associada com algo inferior, evidenciando que padrões heteronormativos são construídos culturalmente, mas que não se trata da única forma de expressão da sexualidade.

Além das próprias experiências, os adultos das classes média e alta mencionaram que acompanhavam relatos de celebridades do mundo gay, e

percebiam que a puberdade da maioria dos homossexuais se caracteriza por uma fase de angústia, preconceito e solidão. Parecia mais adequado a negação dos sentimentos homossexuais “chegando as vezes a acreditar que a homossexualidade era uma doença grave” (JOSÉ). De acordo com Anjos (2000, p. 276), “Essa posição foi construída historicamente, pela medicina e psiquiatria, a partir da reelaboração da prática homossexual como enfermidade, e não mais como pecado”,

Segundo Soares (2008, p. 37), o comportamento homossexual parece decorrer de um desajuste cognitivo e comportamental relacionado à identidade de gênero de crianças e adolescentes. Embora muitos tentem, na idade adulta, fazer parte do universo masculino, nem sempre se identificam com esse estilo de vida.

Em relação à identidade de gênero, os entrevistados mencionaram que desde a infância gostavam de vestimentas atribuídas socialmente ao sexo feminino, conforme relata José, que quando criança “gostava muito de vestir as roupas da mãe e preferia cores leves como rosa claro, roxo...”. Na adolescência também “tinha adoração por roupas femininas, chegando a colocar uma blusa da namorada escondido” (JOSÉ).

Após o casamento, o interesse por roupas femininas era demonstrado de outra forma, conforme relato da ex-cônjuge de José: “agora entendo porque ele gostava de escolher meus sapatos e blusas, a opinião final era sempre dele, tudo tinha que combinar”. Maria agora percebe que “ele estava se realizando”, fazendo com a então esposa o que “ele não podia fazer com ele”. Também Rosa, ex-cônjuge de Pedro, relata que o marido gostava de presenteá-la com vestidos e sapatos. Quando ia se arrumar para alguma festa importante, o então marido a olhava cuidando dos detalhes e opinando sobre o traje feminino. Ambas as esposas entendiam que se tratava de um estilo carinhoso do marido para com elas, quando na verdade eles é que gostariam de usar o estilo de vestimenta que culturalmente é atribuído às mulheres.

Ao refletir sobre identidade de gênero, com os papéis e hábitos atribuídos socialmente a homens e mulheres, Gonçalves e Faria (2016, p. 990) enfatizam que:

[...] desde sempre as sociedades vêm indicando distintos papéis sociais para homens e para mulheres, assim impondo a função de cada indivíduo na sociedade. Essas relações acabam por fazer com que se idealize o que é habitual a um homem praticar ou até mesmo o que não é natural de a mulher realizar.

Os homossexuais entrevistados revelaram que na maior parte de suas vidas, tiveram a sensação de não pertencer ao mundo dos homens, nem ao das mulheres, evidenciando a existência de dúvidas em relação ao próprio gênero. Assim, vivendo em uma condição de “objeto” e não compreendendo o motivo pelo qual se sentiam daquela maneira, não sabiam o que fazer com os impulsos sexuais, nem qual o papel de gênero deveriam assumir perante a família e a sociedade.

Essa fase de dúvidas relativa à identidade de gênero e sexual, foi mencionada como uma das fases mais difíceis da vida dos entrevistados, visto que pensavam de um jeito e agiam de outro. Para lutar contra esses desejos e impulsos, bem como os preconceitos que pudessem vir a sofrer, as escolhas foram as mesmas: casamentos heterossexuais, frustrações e medos. Para D’Andrea (2006), a crise de identidade afeta também o comportamento sexual e se caracteriza pela capacidade de o indivíduo se colocar em oposição e de conseguir o reconhecimento desta oposição pelos outros.

A adolescência dos três entrevistados foi marcada por muitas crises, em que temiam conviver com outros meninos, essa fase foi semelhante nas três classes sociais. O desconforto e a falta de confiança era uma barreira ao ter contatos íntimos com uma menina. Todos pesavam que seria difícil ser uma pessoa realizada emocionalmente algum dia. Essa transição do ciclo vital fez com que os entrevistados durante toda a juventude e boa parte da fase adulta, não assumissem uma identidade sexual verdadeira, os três multifacetaram a personalidade masculina por muito tempo.

D’Andrea (2006) destaca que muitos jovens não conseguem afirmar sua identidade no final da adolescência e essa incapacidade redundará na

formação de uma pessoa que vive em crise permanente e que tende a representar papéis difusos ou contraditórios. Assim, o adolescente perde o sentido da própria identidade pessoal e de sua continuidade histórica, tornando-se incapaz de delimitar seus comportamentos na configuração de papéis sociais que dele se espera.

Outro aspecto abordado pelos participantes da pesquisa, refere-se aos abusos sexuais que são comuns acontecerem com pessoas homossexuais. Nesse sentido, Day et al. (2003) cita algumas possíveis manifestações psicológicas de curto prazo decorrentes da violência sexual, tais como: medo do agressor e de pessoas do sexo do agressor; queixas sintomáticas; sintomas psicóticos; isolamento social e sentimentos de estigmatização; quadros fóbico-ansiosos, obsessivo-compulsivo, depressão; distúrbios do sono, aprendizagem e alimentação; sentimentos de rejeição, confusão, humilhação, vergonha e medo; secularização excessiva, como atividades masturbatórias compulsivas. Já os danos tardios podem se manifestar mediante a ocorrência e incidência de transtornos psiquiátricos como dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida e fobias mais agudas; níveis mais intensos de medo, ansiedade, depressão, raiva, culpa, isolamento e hostilidade; sensação crônica de perigo e confusão, cognição distorcida, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber a realidade; pensamento ilógico; redução na compreensão de papéis mais complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais; abuso de álcool e outras drogas; disfunções sexuais; disfunções menstruais e homossexualismo/lesbianismo.

Para Day et al. (2003), a maioria dos homossexuais que procuram ajuda de especialistas sofreram alguma forma de abuso sexual, violência física na infância ou na adolescência. Além dessas práticas violentas, todos já sofreram discriminação pela orientação sexual. O abuso sexual acontece sempre quando o outro não aceita a orientação sexual do indivíduo e esse tipo de violência deixa feridas que não são fáceis de cicatrizarem, apenas fica uma certeza de que as consequências dessa violência são realmente devastadoras para a mente de um jovem que ainda está na fase de

desenvolvimento da personalidade. Os abusos sexuais estão presentes na vida da maioria dos homossexuais e alguns homens se tornam retraídos depois de sofrer esse tipo de violência.

O entrevistado de classe alta relata que sofreu violência sexual ainda na infância, quando foi marcado por um período de muito tormento emocional. O indivíduo quando traumatizado prefere se afastar dos familiares e das relações sociais, bem como de si mesmo, entrando na fase de martírios. Soares (2008) afirma que é comum que esses adolescentes sofram perturbações emocionais em decorrência desse tipo de experiência. Diante das situações vivenciadas por inúmeros homossexuais, pode-se perceber que o sofrimento psicológico experimentado por esses indivíduos durante a adolescência não decorre de pressões externas, preconceitos ou discriminação, mas de um desejo que durante essa fase da vida eles guardam dentro de si: a vontade de ser “normal”, ou seja, heterossexual.

Porém, chega um momento da vida em que os homossexuais não são mais capazes de controlar os seus desejos e muitos resolvem encarar a realidade para finalmente conquistar o direito de viver os próprios sentimentos, sem ter que agir de acordo com as convenções sociais (SOARES, 2008). Foi assim que aconteceu com os três participantes da pesquisa, que em determinado momento, mesmo tendo esposa e filhos, revelou sobre a sua orientação sexual, porque já não suportavam continuar a viver daquela maneira.

O momento da revelação da orientação sexual não é fácil para nenhuma das pessoas envolvidas, pois na maioria das vezes, o indivíduo sabe que vai vivenciar situações de preconceitos, retardando assim a tomada de decisão. Um estudo realizado por Pollak (1990), com homossexuais franceses, evidenciou que entre os mais velhos, a maioria optava por esconder a sua orientação sexual. Já os de idade intermediária, se identificavam e se assumiam como homossexuais. Os mais jovens não enfrentavam nenhum problema, não se preocupavam em tentar esconder das pessoas, por entender que se tratava de algo normal.

No caso dos três homossexuais entrevistados, eles tiveram casamentos permeados por frustrações e perturbações emocionais, a experiência da revelação não foi bem recebida pela família, apesar de já existir a desconfiança. Em geral para as famílias conservadoras, é melhor continuar mantendo as aparências para não ter que se encarar a realidade que vai causar sofrimentos. Trata-se do mecanismo de defesa chamado de negação (D'ANDREA, 2006), que consiste em continuar agindo como se nada tivesse acontecido, mesmo percebendo a realidade. Por outro lado, Gonçalves e Simões (2015) salientam que muitas vezes a família procura seguir os padrões sociais para evitar que os filhos sofram preconceitos e sofrimentos devido à sua orientação sexual.

Apesar das dificuldades vivenciadas pelos três homossexuais entrevistados no processo de tomar a decisão e contar para a família, eles entendiam que valeu a pena assumir a homossexualidade, mesmo tardiamente, acreditavam que era melhor sofrer com os preconceitos do que viver presos aos tormentos emocionais mal resolvidos.

Considerações finais

A pesquisa realizada com três homossexuais, com suas ex-cônjuges e filhos revelou que assumir a homossexualidade não é uma tarefa fácil nem para o próprio homossexual e nem para a família. Porém, continuar vivendo de uma forma a atender aos padrões sociais, mas em conflito com a própria sexualidade, é ainda mais complicado. Chega a um ponto em que é difícil suportar os sentimentos e desejos, resultando na iniciativa de “sair do armário”.

As consequências da descoberta foram dolorosas e cada classe social reagiu de forma diferente ao vivenciar situações semelhantes. A família de classe baixa se reorganizou sem se preocupar com as opiniões da sociedade. Com o tempo, e devido às necessidades financeiras, chegaram a morar na mesma casa: o homem com seu companheiro, a ex-cônjuge com seu novo marido e os filhos do antigo casal. Evidencia-se que não houve a preocupação

em manter as aparências, a família sofreu no início, mas depois entendeu que não havia muito o que se fazer e assim aceitou a nova realidade.

Na família de classe média, o casal se separou, sem que a maioria das pessoas ficasse sabendo o real motivo da separação. No trabalho o homossexual entendeu que era melhor não contar a verdade, para não ser prejudicado e não sofrer preconceitos. A ex-cônjuge faz terapias e não aceita a nova realidade. Ainda tem esperança de que um dia o ex-marido se arrependa da decisão tomada e volte a ter a família idealizada. Percebe-se que a situação continua mal resolvida, a filha de 14 anos é que tem assumido o papel de adulta porque a mãe encontra-se em condições emocionais desfavoráveis.

A família de classe alta chegou a pensar em separação, mas devido à questões de moralidade e financeiras o casal optou por permanecer junto e viver de aparências, cada um tendo a sua própria vida afetiva e sexual. A família tem enfrentado problemas com um filho adolescente que passou a não levar a sério a faculdade, além de começar a beber e se tornar agressivo.

Tanto as ex-cônjuges das classes média e alta evidenciam ter nojo da situação vivenciada pelos ex-companheiros homossexuais e também os filhos de ambas as classes não aceitam ver o pai em companhia de outro homem. Provavelmente vai demorar bastante tempo para essas duas famílias aceitar a nova realidade, diferentemente da família de classe baixa que aceitou mais rapidamente.

Mediante o estudo realizado, torna-se evidente que, muito além de tentar entender as causas da homossexualidade, é preciso aceitar as diferenças e as formas pelas quais as pessoas se identificam em suas relações afetivas e sexuais. Forçar uma situação, como o casamento, por exemplo, para manter os padrões convencionais, não vai resolver a situação. Ao contrário, quando vier à tona a realidade, mais pessoas serão envolvidas, tornando-se vítimas de uma condição que poderia ter sido evitada, se desde a infância e adolescência os homossexuais tivessem sido aceitos da maneira como de fato são.

É preciso repensar os padrões sociais heteronormativos, a fim de que as pessoas tenham a possibilidade de viver da forma como se sintam melhor, sem se preocupar com aparências ou expectativas sociais, construindo assim livremente a sua identidade de gênero e sexual.

Referências

ANJOS, G. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n. 4, jul./dez. 2000, p. 274-305. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

BRENES, A. C. História da parturição no Brasil, Século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, abr./jun., 1991, p. 135-149.

CEARÁ, A.T.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. *Rev. Psiq Clín.*, v. 37, n. 3, 2010, p. 118-123. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n3/v37n3a05>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

D'ANDREA, F. F. *Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DAY, V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria RS*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2003, p. 09-21. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FARIA, A. H; GONÇALVES, J. P. Educação Escolar e Relações de Gênero Segundo a Perspectiva de Homens Professores. *Hispanista*, v. XVII, n, 67, out./dez. 2016, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/538.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). *Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: UEL, 2007.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n.3, maio/jun. 1995, p. 20-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

GONÇALVES, J. P; FARIA, A. H. Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 988-1014, set./dez. 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2016v34n3p988>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

GONÇALVES, J. P.; SIMÕES, M. J. Construção da identidade de gêneros na educação infantil: o olhar das professoras. *Facisa On-Line*. Barra do Garças – MT, vol. 04, n. 01, p. 29 – 48, jan./jul.2015.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2007, p. 1-22. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

POLLAK, M. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SOARES, C. *Homossexualidade masculina. Escolha ou destino?* Brasília: Thesaurus, 2008.

TOITIO, R. D. Sobre a hegemonia heterossexista. *Anais do VIII Colóquio Internacional Marx e Engels*. Campinas SP: UNICAMP, 2015. <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/Rafael%20Toitio%2010252.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

VIANA, F. *O armário: vida e pensamento do desejo proibido*. São Paulo: Orgástica, 2006.

Recebido em janeiro 2018.
Aprovado em novembro 2018.